

Espiritismo e medicina no Brasil: um balanço historiográfico

Roberta Müller Scafuto Scoton¹

É recente o interesse entre pesquisadores acerca do tema da religião espírita no Brasil e sua história. A historiadora Beatriz Teixeira Weber chega mesmo a afirmar que existe um “silêncio historiográfico sobre o tema”, que é justificado pela “desculpa” de que é muito difícil encontrar fontes primárias a respeito do mesmo. (WEBER, 1999: 200) A *Revista de História da Biblioteca Nacional* de junho de 2008 teve o espiritismo como tema de capa – “Espiritismo: a ‘crença de loucos’ que conquistou o Brasil” –, sendo abordado por Emerson Giumbelli e Arthur Cesar Isaia. No mês de agosto de 2009 será publicada a Revista Debates do NER (do Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS) que terá como tema o Espiritismo.² Portanto, observa-se o arrefecimento da importância que o tema tem tomado no ambiente acadêmico.

Neste artigo, abordarei os estudos que enfocam a história do espiritismo e sua relação com a medicina. Especificamente o tema “Espiritismo e Medicina” têm sido trabalhado academicamente por historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas da religião, entre outros. Centrarei nos trabalhos que tenham um enfoque nos finais do século XIX até o final da primeira metade do século XX. Destes trabalhos percebe-se as seguintes tendências temáticas:

- 1) O primeiro grupo de pesquisas enfoca o espiritismo como uma das modalidades de cura que concorriam com a medicina acadêmica, que se oficializava em fins do século XIX.
- 2) No segundo grupo, observam-se pesquisas que se centram no campo do discurso médico sobre as ideias e práticas espíritas – e também a influência deste discurso sobre outras esferas, como jornalística e intelectual.
- 3) Já no terceiro grupo, destacam-se os trabalhos que fazem uma abordagem institucional, através da análise de asilos, hospícios e hospitais espíritas.

Identificarei as principais obras de cada tendência citada e os principais elementos trabalhados em cada uma delas.

¹ Tutora a distância no curso de Pedagogia da UFJF e professora da rede estadual de educação do Estado de Minas Gerais. Graduada em História pela UFJF e mestre em Ciência da Religião pela mesma instituição. Bolsista da Capes durante o mestrado.

² Nesta revista, publicarei um artigo intitulado “Concepções psiquiátricas sobre o espiritismo na primeira metade do século XX”.

No primeiro grupo encontram-se trabalhos que colocam o espiritismo como mais uma terapia alternativa de cura (ou curandeirismo, charlatanismo...) diante da medicina acadêmica que se firmava como hegemônica e oficial. A maioria destes trabalhos utilizam processos criminais como fonte primária principal, mas também observamos a utilização de outros materiais, como periódicos. Destes, destacam-se o de E. Giumbelli (1997) e, anteriormente a este, o de Y. Maggie (1997), nos quais – a revelia da diversidade de enfoque e metodologia entre ambos³ - se observa a análise de processos criminais instaurados a partir de três artigos do Código Penal de 1890, que criminalizam, entre outras coisas, o espiritismo, a homeopatia, o exercício ilegal da medicina e a cartomancia.⁴ São trabalhos ricos, que inspiram – tanto temática quanto metodologicamente – vários trabalhos, como de A. Carvalho (2005), de Jaqueline (2006) e minha dissertação de mestrado (2007).

Algumas pesquisas, como de A. Pereira e de B. Weber (1999), embora não tenham o espiritismo como objeto principal de análise, citam-no enquanto medicina “ilegal” e curandeirismo. Tais trabalhos privilegiam o estudo da legitimação da medicina acadêmica do século XIX e início do XX.

O espiritismo kardecista neste momento histórico passava por uma fase de legitimação diante de outras práticas mediúnicas, como a umbanda e o candomblé. Neste processo a FEB (Federação Espírita Brasileira) teve um papel de suma importância, pois definiu o que seria o “verdadeiro” espiritismo a ser seguido, normatizando-o, com o intuito de diferenciar das outras práticas. A pesquisa de mestrado de E. Giumbelli (1997) trata dos meandros utilizados pela FEB para se auto-afirmar e ganhar prestígio em relação a sociedade e, principalmente, em relação ao poder público. Para isso, os espíritas utilizavam, por exemplo, o discurso da caridade, afirmando que suas práticas de cura não eram concorrentes da medicina oficial, na medida em que não visavam o lucro. Além disso, um discurso que foi muito utilizado pelos espíritas era de que as práticas de cura de que faziam uso não se contrapunham a medicina oficial, sendo uma complementação em relação a esta. (WEBER, 1999: 203) Tais ideias

³ Yvonne Maggie se interessa em estudar a magia no Brasil a partir do Código Penal de 1890 e Emerson Giumbelli se centra na história da perseguição das religiões mediúnicas e da institucionalização do movimento espírita no Brasil a partir da Federação Espírita Brasileira (FEB)

⁴ Artigos do Código Penal de 11.10.1890: **Art. 156.** Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos; **Art. 157.** Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, incultar cura de moléstias curáveis, enfim, para fascinar e subjugar credulidade pública; **Art. 158.** Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo, assim, o ofício do denominado curandeiro.

espíritas se firmam principalmente na percepção desta doutrina enquanto misto entre religião, filosofia e ciência.

O segundo grupo de pesquisas sobre “Espiritismo e Medicina” centra-se no campo das ideias médicas sobre o espiritismo. Sabemos que as ideias não são deslocadas de sua base social, sendo reelaboradas, reinterpretadas e ressignificadas pelos sujeitos históricos de ambos os lados, no nosso caso, os médicos e os espíritas. Um fato a se destacar é que, embora estes dois grupos sejam referidos como homogêneos, existem divergências internas em cada um deles. Ao longo da história observa-se, por exemplo, a existência de médicos espíritas, como Inácio Ferreira e Souza Ribeiro, ambos defensores da utilização de técnicas advindas do espiritismo (como passes, águas fluidificadas e orações) para o tratamento de indivíduos diagnosticados pela psiquiatria enquanto doentes mentais.

As principais pesquisas realizadas nesta temática foram a de A. Jarbert (2008), A. Almeida (2007), C. Gama (1992) e minha dissertação de mestrado. Nestes trabalhos são apresentadas algumas teses médicas que têm como tema principal o espiritismo e este é analisado enquanto uma entre várias outras causas de alienação mental no nosso país na primeira metade do século XX. Contextualizam estas teses em um momento em que a psiquiatria assume um papel importante no que diz respeito ao crescimento da nação, apontando insígnias do que é normal e civilizado, tendo o respaldo científico. São várias as ideias médicas que surgem neste período e que são analisadas por estes autores. Destacarei algumas que se tornaram consagradas entre os psiquiatras do período. Um das ideias era a que o espiritismo, junto com a sífilis e o alcoolismo, era uma das principais causas de internação em hospícios de alienados. O médico Nina Rodrigues, por exemplo, utiliza a categoria “sugestão” associada à existência de algum tipo de predisposição, “espécie de ‘terreno’ sobre o qual um sugestionamento ganha condições de eficácia”. (GIUMBELLI, 1997: 158) Ele analisa o estado de possessão nos candomblés baianos e afirma que tais fenômenos não são farsa ou simulação e que a possessão de santos derivaria de estados de sonambulismo provocado, havendo substituição de personalidade, alucinações e amnésia completa.

Dr. Franco da Rocha, que foi diretor do Hospital Juquery em São Paulo e um dos seguidores de Nina Rodrigues, faz observações acerca da internação de frequentadores de práticas espíritas no hospício em que era diretor, tanto em obras quanto em relatórios. (GIUMBELLI, 1997: 160-161) Em *“Esboço de psiquiatria forense”*, escrito como guia para

médicos e juízes, lembra “os perigos das sessões espíritas” e coloca o espiritismo entre os “fatores desencadeadores” de moléstias mentais em pessoas predispostas ou degeneradas.

Outros expoentes foram Afrânio Peixoto, Oscar Pimentel e Henrique Roxo. O primeiro, na década de 1910, visita sessões de espiritismo e conclui que elas são “um laboratório empírico de sugestão e de histeria, onde o automatismo e a subconsciência tomam o nome de manifestações espíritas”. Em 1919, Oscar Pimentel apresentou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese “Em torno do espiritismo”, na qual defende que o espiritismo é uma crença absurda e primitiva e seus fenômenos quando não são produto de uma simples fraude, são associados à sugestão, sonambulismo e alucinação.

Oscar Pimentel foi aluno de Juliano Moreira, que foi discípulo de Nina Rodrigues. Em termos clínicos, via a crença e os fenômenos espíritas como consequência de sugestão, hipnotismo ou alucinação. Henrique Roxo, que foi chefe do Instituto de Neuropatologia, do Hospital Nacional de Alienados. Ele inclui perguntas sobre a frequência a centros espíritas nos formulários para admissão de pacientes na instituição. Constata que entre 1915 e 1930, 10% dos pacientes desenvolveram patologias mentais em virtude do contato com “práticas espíritas”.

Entre o final da década de 1910 e meados da década de 1930, anunciava-se o espiritismo como sendo o terceiro fator de alienação mental no Brasil, logo após a sífilis e o alcoolismo. Henrique Roxo acreditava que as afecções mentais relacionadas com o espiritismo representavam uma “entidade clínica” específica pelos seus sintomas e seu mecanismo de atuação. Em um primeiro momento, denominou a afecção causada pelo espiritismo de “delírio episódico dos degenerados” e mais tarde de “delírio espírita episódico” (ROXO, 1926, *apud*: GIUMBELLI, 1997: 202).

A partir da década de 1930 a idéia de que o espiritismo fosse um “fator de doença mental” passa a ser senso comum entre médicos e psiquiatras. Xavier de Oliveira enfatiza a existência de um comprometimento psíquico anterior, a partir do qual se desenvolveria a “espiritopatia”, entendida enquanto “síndrome mental de forma delirante, com motivos espíritas, e que se observa enxertada em indivíduos tarados do sistema nervoso, nomeadamente da classe dos histero-esquizóides”. (OLIVEIRA, *apud*: GIUMBELLI, 1997: 202) As religiões mediúnicas eram consideradas um mal social, a maior causa da “alienação mental de feição puramente religiosa” e deviam ser tratadas como uma questão de higiene pública: “o espiritismo é considerado como uma doença contagiosa, como uma epidemia, ou como um vício”. (GAMA, 1992: 219)

Importantes foram os trabalhos de Leonídio Ribeiro: ele afirmava que o espiritismo levava às perturbações mentais e atitudes criminosas; e que os diferentes espiritismos consistiriam em histeria contagiosa e considerava a difusão do espiritismo como um “crime contra a saúde pública”. Adota preceitos evolucionistas ao afirmar que haveria uma predisposição hereditária de débeis psíquicos ao espiritismo. Para ele, o espiritismo provocava distúrbios mentais ou agravar doenças psíquicas já presentes nos indivíduos. L. Ribeiro propunha uma ação conjunta de médicos, policiais e jornalistas a fim de combater o “mal social” que era o espiritismo. Os jornalistas deveriam se recusar a divulgar notícias sobre o espiritismo, enquanto a polícia fecharia os centros mais perigosos: os médiuns seriam enviados ao Hospício Nacional de Alienados para observação médica e se após os exames de sanidade mental fossem considerados loucos, eram internados; os outros, charlatães, seriam presos como elementos perigosos à sociedade. Afirma que o que os espíritas atribuem à intervenção de espíritos seria o produto de sugestões, dissociações psíquicas e afloramento do subconsciente. Para eles, tais fenômenos ocorrem em indivíduos já psicóticos que passam a incorporar “motivos espíritas” em seu quadro de sintomas. Eles começariam como uma simples impressão ou sugestão e evoluiria até tomar a forma de alucinações, desembocando em uma mania. O espiritismo seria uma forma moderna da magia, definida pelo apelo ao sobrenatural. Por conseqüência, várias práticas baseadas em rituais de mediunidade seriam espíritas – portanto, englobando de kardecistas a tradições africanas.

A partir da década de 1940, os médicos vão ser cada vez menos convidados a se pronunciar sobre o sentido e o efeito de práticas como a possessão e a mediunidade e, portanto, vão perdendo a legitimidade neste campo. Neste momento, ela continua atuante na dimensão corporativa, ou seja, em relação à garantia do exercício exclusivo da prática de cura.

Destaque as ideias médicas que vêem o espiritismo enquanto maléfico a saúde pública. Porém, dentro da própria classe médica vemos figuras despontando na luta a favor do espiritismo, inclusive o colocando enquanto alternativa de cura mais eficiente a alienação mental que a própria medicina convencional. Dentre estas figuras, destaram-se os médicos: Bezerra de Menezes, Brasília Marcondes Machado, Inácio Ferreira e Souza Ribeiro. Tais médicos colocavam os tratamentos espirituais como complementares a medicina acadêmica.

Estes médicos espíritas não se contentavam a seguir a fé espírita, eles defendiam a utilização dos preceitos kardecistas na sua lida médica, sendo psicografando remédios homeopáticos, escrevendo em revistas espíritas ou teses médicas defendendo a união entre

práticas espíritas e da medicina oficial (consideradas por eles como “materialista”) ou dirigindo instituições médico-espíritas.

Afirmavam que muitos sintomas de doença mental seriam, na realidade, causados por espíritos obsessores ou seriam doenças cármicas. Tais ideias foram expostas por Allan Kardec em suas principais obras, porém, foi com Bezerra de Menezes, em “A loucura sob novo prisma: estudo psíquico-fisiológico” (1988), que elas se difundiram.

No último grupo de trabalhos inclui os que fazem uma análise de instituições médico-espíritas, em que se faziam tratamentos espirituais complementando a medicina oficial. Destaco as análises de Angélica Almeida e Alexander Moreira de Almeida (2008) e de Alexander Jarbert (2008) sobre o Sanatório Espírita de Uberaba; de Raphael Ribeiro (2006) sobre o Sanatório Espírita de Uberlândia; o de Cláudio Gama (1992) sobre Centro Espírita Redentor, no Rio de Janeiro; o de Carlos Peters (2000), sobre o asilo Espírita “Discípulos de Jesus”, na cidade de Penápolis, no interior de São Paulo e a dissertação de Alexander Jarbert (2001), sobre o Asilo Deus, Cristo e Caridade, no Estado do Espírito Santo.

De acordo com François Laplantine e Marion Aubrée (1999: 210), uma das maiores contribuições do espiritismo brasileiro ao espiritismo mundial foi ter desenvolvido as implicações propriamente terapêuticas da obra kardecista. E, nesse sentido, vê-se a necessidade de um estudo mais detalhado acerca das instituições terapêuticas que eram dirigidas por espíritas e faziam uso da terapêutica destes.

O Sanatório Espírita de Uberaba é o que possui maior acervo de fontes primárias e deve-se destacar também o fato de que o seu diretor por 55 anos (1933-1988), Inácio Ferreira, se notabilizou por deixar vários escritos, como livros e artigos em periódicos importantes, a exemplo da Revista Internacional do Espiritismo. Este Sanatório e suas práticas asilares estão sendo objetos de estudo de Angélica Almeida em seu pós-doutorado. Dados iniciais desta pesquisa foram expostos em artigo publicado em parceria com Alexander Moreira Almeida (2008).

Observa-se que muitas vezes estas instituições contavam com o apoio do poder público. Carlos Peters (2000), por exemplo, em sua dissertação, analisando o Asilo Espírita Discípulos de Jesus, em Penápolis (SP) afirma que o embate entre medicina social científica (que condenava as práticas espíritas) e a medicina popular (no caso, o kardecismo) manteve-se em segundo plano durante o tempo de funcionamento desta instituição (1935-45). Este autor mostra que, apesar de o tratamento no Asilo ser basicamente espiritual (o que

caracterizaria o curandeirismo), estava em consonância com a concepção médica sobre a loucura, considerando-a enquanto comportamento desviante (sexualidade fora do “padrão”, aversão ao trabalho, vícios, bebida, etc.).

Alexander Jarbert (2001) em sua dissertação, ao analisar o Asilo Deus, Cristo e Caridade, no estado do Espírito Santo, pauta-se basicamente no aspecto institucional, não se centrando no conflito entre médicos e espíritas. Sua atenção volta-se para o conflito que houve entre tratamento leigo, com péssimas instalações e o tratamento médico psiquiátrico “convencional”.

Raphael Ribeiro (2006), ao estudar o Sanatório Espírita de Uberlândia, afirma que esta instituição religiosa cobria uma lacuna que o Estado não conseguia cumprir. Portanto, observa-se uma recorrência desta visão entre os pesquisadores das instituições médico-espíritas: estas instituições vinculadas a esta doutrina religiosa eram “toleradas”, pois assumiam uma função importante na sociedade que muitas vezes o poder público não era capaz de assumir sozinho.

Observa-se, portanto, uma gama de trabalhos que possuem o tema “Espiritismo e Medicina”. Tais trabalhos, em suas diversas abordagens, trazem o espiritismo como um sistema de crenças que se queriam científicas e acabavam por “invadir” a arena da medicina acadêmica, que se oficializava no período estudado. Vê-se também que, embora seja predominante a percepção do espiritismo enquanto exercício ilegal da medicina ou como um “perigo” a sanidade mental, as opiniões dos médicos não eram homogêneas em relação ao espiritismo. Havia médicos que o detratavam, os que defendiam – embora não fossem adeptos desta doutrina – e até os que defendiam e se converteram ao espiritismo, como foi o caso de Inácio Ferreira e Bezerra de Menezes.

Acredito que há uma necessidade maior de diálogo entre estes trabalhos, o que geraria maior interesse no tema e também uma ampliação das pesquisas na área, incentivando outras abordagens. Para finalizar, destaco algumas possibilidades de pesquisas na área, como o estudo da perspectiva de cientificidade para os espíritas, um estudo mais aprofundado sobre as instituições médico-espíritas e os periódicos espíritas.

Bibliografia:

ALMEIDA, Angélica A. S. de e ALMEIDA, Alexander Moreira de. Construindo uma nação: propostas dos psiquiatras para o aprimoramento da Sociedade. RIGONATTI, S. P. *Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica*. São Paulo: Vetor Editora, 2003. p. 25-47.

_____. Espiritismo e Medicina: a trajetória do Sanatório Espírita de Uberaba (1933-1988). In: *Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões - Migrações e Imigrações das Religiões*. Assis, 2008.

ALMEIDA, A. A. S. de. "Uma fábrica de loucos": psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). (Tese de Doutorado, Departamento de História - Unicamp).

AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. *La table, le livre et les spiritis: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Paris: J. C. Lattès, 1990.

CARVALHO, Antonio C. de. *Feiticeiros, burlões e mistificadores*. Criminalidade e mudança das práticas populares de saúde em São Paulo, 1950-1980. São Paulo: UNESP, 2005.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DIAS, Jaqueline Cristina. *Feitiços e Feiticeiros: Repressão à Tradição Religiosa Afro-brasileira na Juiz de Fora do Primeiro Código Penal Republicano (1890-1942)*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF. 2006

GAMA, Cláudio Murilo Pimentel. O espírito da medicina: médicos e espíritas em conflito. Dissertação (Mestrado em Sociologia na UFRJ), 1992.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: O espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, vol. 40, nº 2, 1997.

_____. *O Cuidado dos Mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997

_____. O baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes antropológicos*. v. 9; n. 19. Porto Alegre, jul/2003.

_____. Kardec nos trópicos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 33, jun/2008. p. 14-19.

ISAIA, A. O discurso médico-psiquiátrico em defesa do espiritismo na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro nos anos 1920. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 1, 2008.

_____. Loucura coletiva? *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 33, jun/2008. p. 20-25.

JARBERT, Alexander. Espiritismo e Psiquiatria no Brasil na Primeira República. *Anais Eletrônicos do 10º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. Belo Horizonte, 2005.

_____. Da Nau dos Loucos ao Trem de Doido: As formas de administração da loucura na Primeira República – o caso do estado do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fiocruz, 2001.

_____. De médicos e médiuns: medicina, espiritismo e loucura no Brasil da primeira metade do século XX. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Fiocruz, 2008.

MAGGIE, Yvonne. *Medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

MENEZES, A. B. (1897). *A Loucura sob Novo Prisma*. FEB: Rio de Janeiro, 1988.

PEREIRA NETO, André de F. *Ser médico no Brasil: o presente e o passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945). 2000. 143 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2000

RIBEIRO, Raphael Alberto. Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970). Dissertação (Mestrado em História, Universidade Federal de Uberlândia), 2006.

SCOTON, Roberta M. S. Médicos acadêmicos e curandeiros na Manchester Mineira (Juiz de Fora-MG, 1890-1940). I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira. *Anais Eletrônicos do...* Juiz de Fora, 2005.

_____. O Espiritismo como exercício ilegal da medicina: análise a partir de processos crimes contra a saúde pública. 10º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. *Anais Eletrônicos...* Belo Horizonte, 2005.

_____. Entre frenologistas e rousseaunianos: a interpretação de Allan Kardec sobre as raças (uma análise histórica do texto Frenologia espiritualista e espírita: Perfectibilidade da raça negra 1862). In: IX Simpósio Anual da ABHR, 2007, Viçosa. *Anais do IX Simpósio Anual da ABHR*, 2007.

_____. Médicos e espíritas: análise das falas dos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora-MG acerca do espiritismo (1909-1940). In: XV Encontro Regional de História da Anpuh-MG, 2006, São João del Rei. Anais Eletrônicos do XV Encontro Regional de História da Anpuh-MG, 2006.

_____. Religião, ciência ou crime? Uma perspectiva de análise para o estudo do espiritismo kardecista no Brasil (1890-1950). In: XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade, 2006, São Bernardo do Campo - SP. Anais Eletrônicos do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade, 2006.

_____. Religião: Patologia social e mental? As religiões mediúnicas na visão de médicos na primeira metade do séc. XX. In: VIII Simpósio da ABHR, 2006, São Luis. Anais do VIII Simpósio da ABHR, 2006.

SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo: história e poder (1938-2949)*. Londrina: Eduel, 2005.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1930*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC-Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.